

A tenda (Al Khayma) é considerada como a primeira unidade social na sociedade saharui. Constitui não somente uma unidade espacial que serve de espaço habitacional, mas refere-se também ao conjunto das relações que vinculam os membros de uma mesma família. A tenda, neste sentido, representa o conjunto das relações concretas da família. Nela se juntam os amigos, os vizinhos.

A SIMBÓLICA DO CHÁ LIGADA À VIDA

O chá é um produto de primeira necessidade para o povo saharui. Está presente em todas as casas e nas tendas (Al khayma). É um símbolo de hospitalidade e de boas-vindas dado que é oferecido sistematicamente aos convidados. Por esta razão, os saharuis nunca prescindiram, através dos tempos e até hoje, da sua reserva de chá. Todos os assuntos, dos mais triviais aos mais complexos assuntos de estado, giram em torno do chá.

Em geral, são-nos servidos 3 chás, sentadas no chão de areia coberto de tapetes e apoiadas em almofadas, em obediência ao ritual saharui tal como é descrito por Damián López López (1)

O 1º amargo como a vida, o 2º doce como o amor e o 3º suave como a morte

Amargo como a vida, a história do povo saharui, pessoas livres e nómadas que viviam em simbiose com o gado, torna-se amarga desde a ocupação do seu território, primeiro pela Espanha e depois por Marrocos

Doce como o amor, porque ligado a todas as resoluções jurídicas que determinam que a solução do conflito passa pela celebração de um referendo de autodeterminação, ou seja, assenta na ideia do direito tradicional que o conteúdo de todos os direitos é "o direito a ter direitos".

Suave como a morte, porque o processo de luta, - desde o sobreviver no deserto, a colonização, uma guerra e a ocupação militar - passou agora para uma fase mais suave que não carece de guerra nem de carros de combate mas será uma luta diplomática pela dignidade e pelos direitos humanos, a luta de liberdade chegará de melfas agitadas pelo vento gritando liberdade (2)

(1) (2) Rocio Medina Martín, Ramón Luis Soriano Díaz (eds) - *Activismo académico en la causa saharui*, Aconcagua Libros, Sevilla, 2014, pp.155-188

OS TERRITÓRIOS OCUPADOS E A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Aminatu Haidar, conhecida ativista pelos direitos humanos, com a greve da fome que desencadeou em Lanzarote em 2009, chamou a atenção do mundo para as condições deploráveis em que estão os presos políticos saharuis incluindo o grupo de Gdeim Izik, bem como o sofrimento constante das famílias dos desaparecidos Saharuis cujos paradeiros ainda são desconhecidos até hoje devido à intransigência das autoridades de ocupação marroquinas.

Aminatu testemunhou como vítima direta de desaparecimento forçado, a perseguição, tortura, deportação de seu próprio território, entre outros maus-tratos e denunciou o abuso sobre a população civil saharui nos Territórios ocupados do Saara Ocidental, incluindo os ataques nas cidades ocupadas de Aaiún e Smara, e as expulsões de observadores e jornalistas internacionais do território.

Desde 19 de julho de 2019, a cidade ocupada de El Aaiun, no Sahara Ocidental, está sitiada e a população saharui está sob ataque brutal das forças marroquinas. Esta escalada da situação no terreno deve-se ao silêncio da comunidade internacional e, em particular, à ausência de um mandato que inclua um mecanismo de protecção da população civil na MINURSO (missão da ONU para a realização de um referendo).

Nas zonas ocupadas por Marrocos, até mesmo crianças são espancadas brutalmente e são vítimas de detenções arbitrárias. Ninguém é poupado. As forças de ocupação marroquinas estão a usar bastões, gás lacrimogêneo, canhões de água, balas de borracha e pedras. Centenas de membros das forças de segurança marroquinas, nomeadamente polícias, gendarmes e forças paramilitares participam nos ataques violentos que levaram a centenas de vítimas. Os ataques e rusgas de noite e de dia às casas dos saharuis com a destruição dos seus pertences e detenções arbitrárias continuam. Pessoas feridas não podem ir ao hospital com medo de serem imediatamente presas.

Centenas de veículos oficiais marroquinos e membros das várias forças estão a ser enviados para os territórios ocupados, ampliando ainda mais a enorme força militar e policial marroquina no Sahara Ocidental.

A grave violação dos direitos humanos nestes territórios exigem pôr fim ao processo de descolonização desta que é a última colónia de África.

Marrocos ignora até ao momento as decisões das Nações Unidas e os acordos e tratados assinados.

O DIREITO INTERNACIONAL DEVE SER CUMPRIDO – O DIREITO DOS POVOS É MAIS CLARO DO QUE O DIA

O ano 2019 fechou com o fracasso das Nações Unidas, para reiniciar as conversações de paz entre a Frente Polisário e Marrocos. Durante o Fórum Global do ACNUR em Genebra (dezembro 2019) para os 26 milhões de refugiados do mundo, os saharuis foram impedidos de falar. Cartazes de propaganda de Marrocos em uma galeria adjacente à sala de debate silenciou a ocupação ilegal dos territórios do Sahara Ocidental. Em qualquer caso, a Frente Polisário, em seu XV Congresso, realizada nos últimos dias na cidade libertada de Tifariti, reiterou "o apego do povo saharui à sua soberania sobre o território nacional".

O direito humano à autodeterminação dos povos continua em vigor na Carta das Nações Unidas. O dilema de fundo persiste. Marrocos quer anexar todo o território e a população em questão, através da autonomia, dentro da sua monarquia, enquanto a Frente Polisário, talvez o mais antigo movimento de libertação nacional ainda sem alcançar a independência total, mantém a reivindicação de autodeterminação, através de um referendo, de modo que os habitantes e seus descendentes herdados do colonialismo espanhol decidam a favor ou contra a Independência

O MDM - recorda todo o processo de descolonização das colónias portuguesas, incluindo Timor-Leste, que o 25 de abril permitiu, e exige o cumprimento do direito internacional, a realização imediata do Referendo, o respeito pelos direitos humanos, o reconhecimento do direito do povo saharui à resistência contra a agressão colonialista de Marrocos, o reconhecimento do direito à autodeterminação do povo saharui e a libertação dos presos políticos das prisões marroquinas.

É urgente a intervenção da ONU, do Conselho de Segurança e de toda a Comunidade Internacional, incluindo Portugal e a União Europeia, no sentido de uma decisão que reconheça a RASD (já reconhecida por 85 países) e determine o direito à independência do povo saharui,

A nossa solidariedade com a causa saharui, pela autodeterminação e independência, pelos direitos humanos, é também uma luta pela Paz, é uma luta que não dissociamos da luta emancipadora das mulheres no Sahara ocidental e no mundo.

Uma luta maltratada e deturpada. Silenciada. Mas muito atual porque é justa.

A esperança da resolução do conflito pela ONU vai decaindo e há quem queira o regresso à luta armada.

O tempo de espera é o que os levará de regresso à terra mãe de onde foram obrigados a partir. Revoltados, mas com paciência, dizem algumas.

"Vocês têm os relógios, mas nós temos o tempo"

Não esqueçamos a última colónia africana. "É preciso lembrar que a crise dos refugiados saharuis é a mais longa e prolongada da História."

Como diz o poeta Bunana Buseif, apátrida e residente nos acampamentos de exilados de Tinduf:

Lo que está claro y sin polvo que lo cubra: el derecho de los pueblos es más claro que el día



EXPOSIÇÃO

MULHERES DE AREIA

NO DESERTO EM BUSCA DA LIBERDADE

FOTOGRAFIAS: RAQUEL PRAZERES E VERA SALDANHA

TEXTOS: REGINA MARQUES

JUNTA DE FREGUESIA DE ALCOCHETE

Rua Ruy de Sousa Vinagre, 2890-017 Alcochete

Telefone: 212 341 040

E-mail: geral@freguesiadealcochete.pt

 **MDM**
movimento democrático de mulheres


**Freguesia
de Alcochete**

MULHERES NO DESERTO EM BUSCA DA LIBERDADE

En la ciudad del viento,
hay palacios de piedras
y castillos de arena,
como en los cuentos de hadas.

....

Ando descalza
sobre una alfombra de arena,
suave como la seda
y dorada como el ORO

Fátima Galia m. Salem | Poemas saharauis

(O deserto, a cidade do vento ...A areia é suave como a seda e dourada como o ouro)

HISTÓRIA DO CONFLITO

Os refugiados saharauis começaram a chegar à Argélia em 1975 após o abandono do território do Saara Ocidental por parte da Espanha colonizado-ra do território e a posterior ocupação por parte do Marrocos e Maurítênea.

Perseguido e bombardeado por Marrocos, o povo saharauí encontrou refúgio na área Hamada argelina de Tindouf, uma das regiões mais inóspitas do planeta, a sudoeste da Argélia, na fronteira da Maurítænea, Sahara Ocidental e Marrocos. Vivem em 5 acampamentos (Awserd, Smara, Dahla, El Aaiun, Bojador) dependendo em grande medida da ajuda externa para sobreviver.

No dia seguinte à saída da Espanha colonial sem a garantia de proteger o povo, a Frente Polisário, que lutava pela descolonização desde 1973, assume-se como a fiel representante do povo saharauí e, a 27 de Fevereiro de 1976 declara a Republica Árabe Saharauí como Democratica (RASD) como um estado livre e independente que vem a ser reconhecido por mais de 87 países, é observador da ONU e reconhecido pela União Africana como Estado de pleno direito. Com a saída de Espanha, numa negociação à margem da lei internacional, o território é ocupado por Marrocos e Mauritânia. Inicia-se um período de guerra de guerrilha entre a Polisário e estes países. Entretanto a Mauritânia sai do conflito e Marrocos permanece como potência ocupante, apesar da ilegalidade do facto apontada pelos tribunais internacionais e também pelas instâncias da ONU. A guerra com Marrocos dura até 1991, quando é estabelecido um acordo de paz mediado pela ONU, que entretando não é cumprido.

Nos acampamentos saharauis vivem 173.600 pessoas segundo o último relatório da ACNUR (2018), organização que proporciona alimentos básicos e ajuda humanitária.

As primeiras crianças que nasceram nos campos de refugiados de Tindouf têm cerca de 40 anos. Estima-se que 60% dos habitantes têm menos de 30 anos.
A União Nacional das mulheres Saharauis (UNMS) criada em 1985, guarda, da tradição muçulmana e berbere e da persistente luta de resistência, os aspectos mais favoráveis para as mulheres e desacredita os que dificultam a sua emancipação.

A nível nacional a UNMS visa:

Mobilizar as mulheres para fortalecer seu papel na luta pela libertação e independência do Saara Ocidental.

Dirigir as mulheres nas áreas sociais e políticas para melhorar o seu nível de educação e formação (campanhas de alfabetização, formação escolar e profissional, seminários políticos, etc.)

Sensibilizar as mulheres para o seu papel social, participar nas reuniões de órgãos governamentais para definir atividades em direção às bases, seminários e conferências a nível local, regional e nacional;

Tratar da divulgação dos documentos da organização que tratam da situação política, educacional, profissional e cultural das mulheres.

Internacionalmente, a UNMS trabalha para a implementação de decisões e estratégias relativas às mulheres, em particular "A estratégia de Nairobi." Trabalha para o estabelecimento da segurança e da paz no mundo, da igualdade de género como base para todo o progresso e desenvolvimento, e o estabelecimento dos direitos humanos e da democracia.

A UNMS, cuja luta é parte integrante da luta de libertação das mulheres em todo o mundo, participou e participa ativamente de várias organizações regionais e internacionais como são a União Geral das Mulheres Árabes desde 1977, a Federação Democrática Internacional de Mulheres desde 1977 e a Organização Pan-Africana da Mulher desde 1980.

As mulheres refugiadas são o sujeito social sobre o qual gravita a resistência e a sobrevivência nos acampamentos. São elas quem faz a distribuição das ajudas, a adequada atenção sanitária, as campanhas de alfabetização, a construção de hospitais e clínicas no deserto.

A criação da UNMS em 1985 traduz os avanços e as inegáveis condições das mulheres adquiridas na gestão e organização de recursos nos acampa-mentos. Entre os seus objectivos primeiros estabelecia que as mulheres possam exercer os seus direitos dentro da sociedade e potenciar as suas capacidades para ser um elemento catalizador da transformação social.

A experiência das mulheres saharauis na defesa e promoção da igualdade e da emancipação das mulheres é indissociável da luta com o seu povo por uma pátria independente e livre. Com uma clara consciência sobre os direitos das mulheres, sempre exigindo as condições e o respeito, não deixam de dar prioridade para incrementar a firmeza e a coesão do seu povo assumindo que todas as suas funções como mulheres são políticas. Defensoras das mulheres como símbolo da resistência pacífica, a UNMS compatibiliza a luta pela libertação nacional e a luta pela emancipação da mulher, repetindo expressões como "a autodeterminação dos povos é a autodeterminação das mulheres" ou "as mulheres não são nada sem o país. O país não é nada sem as mulheres".

As experiências no quotidiano das suas casas e famílias, no seu empenhamento pela escolarização e formação, e o seu empenho na construção de um futuro que una e reúna as suas famílias no seu território, na sua pátria independente, é o grande desígnio destas mulheres, separadas das suas famílias por um Muro de mais de 2.700 Km mandado construir pelo Reino de Marrocos que impede a sua livre circulação.

A vida nos acampamentos constituiu um **Desafio histórico para a mulher saharauí na sua própria existência**. Na condição de refugiadas e com os homens na frente da guerra são as mulheres que se ocupam da administração e se encarregam da organização dos acampamentos, da distribuição dos bens alimentares e de todos os aprovisionamentos. Estiveram no centro da organização social e política e dessa experiência resultaram grandes transformações nos papéis sociais de género.

São grandes os avanços nos costumes mesmo em relação a outras comunidades árabes. Entre os mais destacados estão a abolição das praticas de mutilação genital e rituais de iniciação das meninas, o consentimento da mulher para o casamento, o direito ao voto e à educação das mulheres e a redução do dote a um dinar simbólico; a decisão da mulher em estabelecer clausulas no casamento para que o homem não tenha mais do que uma mulher, em caso de divórcio, que tem uma celebração própria como garante da autonomia da mulher, é a mãe que fica com os filhos e as filhas. A violência doméstica é moralmente censurada e socialmente não aceite.

O problema maior é o vazio, dói-nos a alma. Sabe o que somos? Vivos mortos... ajudam-nos (referindo a ACNUR) só para estar vivos nada mais. Hoje, são particularmente sensíveis os problemas ligados à malnutrição e anemia das mulheres grávidas, lactantes ou em idade de procriar; as crianças com anemia crónica; as famílias e mulheres viúvas, celibatárias ou divorciadas; as pessoas com necessidades específicas, entre as quais as idosas, com deficiências funcionais ou doenças crónicas.

A falta de financiamento impõe cortes nos programas das merendas escolares e no apoio nutritivo. A miséria e as precárias condições de vida agudizam-se com as intempéries dos invernos que ultimamente se têm abatido sobre os acampamentos. As ajudas humanitárias diminuem continuamente, a crise alimentar e a falta de medicamentos nos centros de refugiados é uma trágica realidade.

O VIII CONGRESSO DA UNMS: UMA SÍNTESE DA ACÇÃO CONTINUADA DAS MULHERES SAHARAUIS

Os trabalhos do VIII Congresso Mártir Sidam-mi Mojtar Mohamed da União Nacional das Mulheres Saharauis (UNMS) decorreram de 23 a 25 de fevereiro de 2019 no campo de refugiados saharauis (Auserd) na presença de numerosas delegações estrangeiras convidadas, entre as quais duas dirigentes do Movimento Democrático de Mulheres (MDM). O lema do Congresso foi "Juntas marchamos rumo à vitória e à libertação". Nele, foi eleita Minetu Larabás Suedat como secretária-geral e uma direção executiva com mais 15 membros.

O presidente da RASD, Brahim Gahli lembrou o 18 de fevereiro de 1976, data sombria na história do povo saharauí, com o bombardeamento de bombas de napalm e de fósforo branco, e os raids de aviões das forças armadas sobre centenas de mulheres, crianças e velhos saharauis sem qualquer defesa na região d'Oum Aderbka que obrigaram ao êxodo massivo da população civil para Tindouf (Argélia).

Este Congresso, aconteceu num momento internacional de conflitos abertos em várias regiões do mundo e, por isso mesmo, o MDM na sua saudação inicial sublinhou o inestimável contributo da UNMS à causa do direito dos povos à independência e soberania. Ter uma terra que é sua e um país que é seu é condição básica para as mulheres alcançarem a igualdade, a dignidade e os seus legítimos direitos.

AS MULHERES NA BATALHA DA LIBERTAÇÃO E DA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE SAHARAUÍ

A secretária-geral da União das Mulheres Saharawi, Minetu Larbas Sueidat, mulher jovem licenciada em Filologia inglesa, eleita no VIII Congresso em 2019, confirma que as mulheres saharais têm vindo a desempenhar um papel de liderança na construção da sociedade saharauí e têm contribuído desde o início da revolução para apoiar e fortalecer a organização política e instituições administrativas nacionais.

No discurso proferido na conferência intitulada "O papel das mulheres saharais na Batalha de Libertação e na Construção" destacou que "A mulher é o pilar fundamental na luta pela independência e um porta-voz nos cenários internacionais da causa justa do seu povo, a par da ocupação de posições de liderança na administração das instituições do Estado saharauí e em organismos da Africa.

Nas Áreas Ocupadas erguem a bandeira da independência e a batalha pelos direitos humanos contra a ocupação marroquina.

Nestes 43 anos, pode-se dizer que a mulher saharauí, independentemente das dificuldades e da situação difícil, se emancipa. Sua participação na vida política do país é notável. Hoje, com a experiência adquirida, não com pouco esforço, a mulher saharauí é executiva, parlamentar e ministra. O equilíbrio da participação das mulheres saharauis na vida política é louvável, no governo há duas ministras. Dois em cada cinco governadores são mulheres. Dos 29 prefeitos que administram as daira, pelo menos 11 são prefeitas.

As mulheres ocupam 88% dos cargos profissionais e administrativos no sector da educação e 68% no sector da saúde. Elas têm uma forte presença em outros setores, como administração, polícia, justiça, informação e relações exteriores.

A mulher saharauí está bem representada no parlamento saharauí. O Grupo que representa a RASD no Parlamento Pan-Africano é liderado por uma mulher. Em visitas oficiais, as mulheres fazem parte das importantes delegações sarauís que participam de cimeiras, congressos e outros eventos interna-cionais e de alto nível.

A Revolução Saharauí não teria sido possível sem a presença constante das mulheres. Não é de estranhar que a mulher compartilhe com o homem a luta, diplomacia e a administração".

Discurso a 3/08/19 http://www.mujeressaharauisunms.org/

O ativismo das mulheres constituiu desde sempre um fator essencial para a mobilização a favor da luta revolucionária.

A participação das mulheres como reprodutoras culturais, biológicas e simbólicas e como agentes históricas e não só passivas e vítimas, como entre os ocidentais se quer fazer crer quando se fala de mulheres muçulmanas.

O povo saharauí desmitifica, na opinião de Nuno Henrique Brás Abreu, (1) o que pensamos do mundo islâmico. "Um povo onde a mulher é pilar da sociedade, é ela que gere, administra, são presidentes de juntas de freguesia, são deputadas e ministras, uma sociedade onde a violência doméstica não é aceite e o último caso registado data dos anos 80."

(1) jovem universitário de Braga tem uma licenciatura em filosofia e é investigador do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. O projecto de Nuno Abreu, um diário sobre os "Campos de Refugiados Saharauis" ganhou o concurso nacional de jovens criadores na área de literatura (FEV 2019).

A CULTURA E A TRADIÇÃO

A tradição saharauí de origem árabe, berbere e nómada. O povo saharauí tem as suas raízes beduínas e todo o seu modo de vida tem essas caracter-ísticas que são dificultadas pela ocupação de grande parte do seu território.

A alimentação é adaptada ao modo de vida nómada, com base em carne de camelo e cabra e leite, couscous ou arroz, cozido na brasa. A falta de água e a escassez de terra arável nos cinco campos de refugiados do Saara Ocidental torna difícil a produção animal e manter o seu valor nutritivo. Entre a população, a má nutrição crónica afeta um em cada quatro indivíduos. Tem vindo a fazer alguns estudos do solo e de aproveitamento de águas para viabilizar alguma produção de verduras e de aquaculturas com vista a uma autonomia e sobrevivência, mas de maneira sempre muito precária. A existência do Muro impede a circulação ao longo de 2.700 km de pessoas e animais que tradicionalmente nómada se desloca em busca da água e alimentos para viver.

O vestuário é também mensageiro de luta: A melfha e a deraã

Vestidas com sua melfha, tecido normalmente alegre e colorido, de dois por sete metros, as mulheres são normalmente simples e elegantes. A melfha é a roupa que as mulheres saharauis usam e que cobre a cabeça e todo o corpo. Vestem-na com a ideia de que “cada ponta de roupa que levamos contém a história oculta da vida e a luta de uma mulher”. A melfha envia mensagem às mulheres do mundo com que partilham a pele, a ideologia e os desejos e permite fazer pontes com diversas mulheres para além da sua cultura.

Os homens usam uma túnica larga e ampla, a deraã também caracterizada pela simplicidade e elegância.

Os trajes tradicionais dos sarauis não os impedem de executar qualquer tarefa, por mais complexa que ela seja, embora se possa pensar, pelo seu aspecto, que estas vestes entravam os movimentos e as deslocações do dia a dia.

A LÍNGUA

Colonizados pela Espanha, muitos falam o espanhol, outros o francês da Argélia. O dialecto árabe que é mais falado é Hassaniyya.

A PROVERBIAL HOSPITALIDADE SAHARAUÍ - A KHAYMA

El desierto me hace sentir

como una princesa

en mi palacio de lona,

rodeado de espejismos,

como cascadas y fuentes de agua,

que se deslizan de las montañas...

espejismo brillante, con destellos,

como el diamante que

brota de repente

desde el fondo

de la tierra...

(o deserto faz-me sentir como uma princesa no meu palácio de lona, rodeado de miragens qual cascatas e fontes de água, que deslizam das montanhas... miragem brilhante com faíscas cintilantes, como o diamante que brota de repente desde o fundo da terra...)